

# *A égloga Toledo que Manuel de Faria e Sousa fez com versos de Garcilaso*

ANA HATHERLY

A Parte VII da *Fuente de Aganipe* de Manuel de Faria e Sousa é um manuscrito autógrafo, de 275 folhas, que actualmente se encontra na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, catalogado com a cota CXIV/2-5. A descrição completa deste manuscrito considerado inédito, feita por Arthur L.-F. Askins, foi publicada em 1982<sup>1</sup>.

Foi precisamente este grande estudioso das coisas ibéricas quem me pôs em contacto com esse manuscrito, no início dos anos 80, quando me encontrava em Berkeley, trabalhando sob a sua direcção. Mais tarde, em 1985, publiquei um artigo nos *Arquivos do Centro Cultural Português*, Revista publicada pela Fundação Gulbenkian em Paris<sup>2</sup>, onde reproduzi o quadro das versões impressas e manuscritas dos outros seis volumes da *Fuente de Aganipe*, que o Prof. Askins também elaborou.

Nesse artigo ocupei-me dos Labirintos que constam da Parte VII, importantes pela sua variedade mas que são apenas uma das muitas secções da obra que, como Faria e Sousa diz em subtítulo, é «*Toda de Invenciones metricas muchas dellas inimitables.*»

Para auxiliar o leitor a penetrar na matéria de que trata, além de um *Prólogo*, Faria e Sousa oferece um *Discurso* detalhado sobre o conteúdo do volume e uma série de *Advertências*, que precedem cada capítulo ou género considerado, em que exhibe tanto a sua erudição como a sua vontade de se justificar e de criticar os seus contemporâneos.

Segundo informa no *Prólogo*, esta Parte VII contém apenas «*Poemas, o versos de*

---

<sup>1</sup> In *Florilegium Hispanicum: Medieval and Golden Age Studies Presented to Dorothy Clotelle Clarke*, Eds. J. S. GEARY, C. B. FAULHABER and D. E. CARPENTER, y MADISON Wis.: Medieval Seminar of Hispanic Studies, Ltd., 1982, pp. 245-277.

<sup>2</sup> A. HATHERLY: «Labirintos da Parte VII da *Fuente de Aganipe* de Manuel de Faria e Sousa», *Arquivos do Centro Cultural Português*, XXI, Paris, 1985, pp. 439-467.

*varias invenciones, i artificios a que yo llamo Flor de Ingenio, porque son más propiamente del»* (fl. 1).

Trata-se de uma coletânea de poemas cujo valor em parte contesta, afirmando que «*esto viene a tener más de trabajo que de utilidad*», mas que justifica por serem obras de juventude: «*desta suerte de artificios metricos he escrito mucho; i por la mayor parte fueron empleos de los primeros años, siempre más prontos a seguir herbores de la sangre, o ya de la mollera. De todo eligi lo que contiene este Volumen, que publico por curioso intrettenimiento, no porque imagine que dello se puede coger honroso nombre, pues sé bien quanto más vale un Soneto llano, si es feliz, que muchas invenciones juntas, aunque dellas, se salga con algo de buena dicha*» (fl. 1).

É mais adiante acrescenta: «*Pero no siempre puede estar tirante la cuerda; no siempre se ha de assistir a lo grabe; algunas vezes se ha de espaciar el Ingenio; i estos exercicios son honestos, quando no sean en todo utiles; que realmente lo pueden ser en algo, a lo menos a los principiantes en el metrificar*» (fl. 1v).

Depois de dissertar acerca das vantagens e desvantagens de cultivar este tipo de poesia e depois de declarar que «*de los Escritores Españoles en letras humanas soy el que más ha escrito*», Faria e Sousa, sempre igual a si próprio, termina este Prólogo apostrofando o Leitor na seguinte invectiva: «*Parecete (ó presumido!) que todo esto es nada, i que nada es presentarte aquí um Tomo no pequeño, que solamente consta destas fatigosas invenciones? Murmuras lo no muy facil de algunos versos, o clausulas? Obra otro tanto; i aun la mitad; i aun el diezmo, en la quantia; i no te mejores en la sustancia, i presentamelo, que yo te confessaré que has hecho mucho. Pero reconoce que no lo has de hazer, porque no puedes: i con esso callaràs*» (fl. 2).

Ao Prólogo segue-se então o detalhado «*Discurso acerca de las ingeniosas invenciones metricas*» que constam deste volume em que, para cada caso - Acrósticos, Ecos, Labirintos Sonetos, Canções, Odes, Eglogas, Sextinas, etc. - Faria e Sousa dá explicações de natureza técnica ou histórica, por vezes remetendo o Leitor para a sua *Arte Poética e Versificatória*, hoje desaparecida.

É nesta Parte VII da *Fuente de Aganipe* que se encontra a *Égloga Toledo*, que aqui transcrevemos, feita com versos de Garcilaso de la Vega, que na obra tem por parilha a *Égloga Cintra*, igualmente centónica, feita como versos de Luís de Camões, que recentemente publicámos<sup>3</sup>.

No que diz respeito à técnica do Centão, Faria e Sousa escreve um interessante texto, que reproduzimos integralmente em Apêndice, onde não só refere os célebres autores que terão iniciado essa voga, como Proba Falcónia e a Imperatriz Eudóxia, mas também D. Juan de Andosilla Larramendi, médico de Filipe IV, autor precisamente de Centões com versos de Garcilaso, de que recentemente se fez em Barcelona uma reedição<sup>4</sup>. Faria e

<sup>3</sup> A. HATHERLY: «A *Égloga Cintra* - Uma visão barroca da história tragico-marítima de Camões», *Claro-Escuro* 6 y 7, Lisboa, Maio/Novembro, 1991, pp. 31-67.

<sup>4</sup> J. DE ANDOSILLA: *Centones de Garcilaso y otras poesías sueltas*, Ed. P. M. C., y Víctor Infantes, Barcelona, 1981.

Sousa refere também a Égloga Centónica que Don Martin de Angulo fez com versos de Gôngora, aliás para a criticar duramente<sup>5</sup>.

Sobre a Égloga *Toledo*, Faria e Sousa oferece-nos um texto de advertência, que aqui igualmente reproduzimos em apêndice, onde comenta a técnica usada, os objectivos que se propõe e a razão do título. Quanto aos poemas donde retirou os versos para fazer a Égloga *Toledo* (e a Égloga *Cintra*, que no manuscrito a acompanha), explica que não os indica por considerar isso uma redundância, para poetas tão conhecidos como Camões e Garcilaso.

A ausência dessa informação, para o leitor de hoje, não será tão facilmente preenchida como no tempo em que Faria e Sousa viveu, e essa realidade foi o que me levou a debruçar-me sobre estas duas Églogas, tentando precisamente localizar a procedência dos versos de cada uma<sup>6</sup>.

Se ambas estas Églogas são textos em louvor dos respectivos poetas, a dedicada a Camões, como o próprio Faria e Sousa explica, é uma espécie de duplo da biografia do épico português, que Faria e Sousa escreveu em prosa. A Égloga dedicada a Garcilaso aponta no mesmo sentido biográfico, como pode ver-se logo na Estância 2:

Escucha, pues un poco  
ora Salicio, escucha lo que digo  
de tus virtudes, i famosas obras  
en tus vivos escritos procurando  
la voz, i los acentos  
de la maestra mano  
de la dificil arte cortesana

Enquanto na Égloga *Cintra* os Interlocutores são Faria e Almeno, representando respectivamente Faria e Sousa e Camões —o que permite ao autor do Centão uma presença de destaque no texto (aliás declaradamente assumida como tal)—, na Égloga *Toledo* os Interlocutores são Coros de Ninfas, sendo a presença do autor do Centão apenas a do narrador que, porém, às vezes, se faz bastantemente sentir.

Estas duas Églogas Centónicas, para o leitor do século XX, terão talvez um interesse mais documental do que estético, porém creio que a sua publicação se justifica, sobretudo com a identificação dos versos.

Ao publicar estes textos conforme vêm na Parte VII da *Fuente de Aganipe*, estou a prosseguir um trabalho de investigação que há já mais de duas décadas estou levando a cabo e que se destina a contribuir para um melhor conhecimento da produção literária de toda uma época que, em Portugal, e de certo modo também em Espanha, tem ainda algo a revelar, sobretudo àqueles que, pondo de parte preconceitos herdados, estiverem animados dum puro desejo de saber e de dar a conhecer uma arte que, em geral, tem sido tão mal estimada.

<sup>5</sup> Para mais informações sobre esta Égloga de D. Martin, ver *Centones de Garcilaso*, ob. cit., p. 13.

<sup>6</sup> Para identificar os versos de Garcilaso com que foi composta a Égloga *Toledo* com 421 versos, usámos a edição de Elías L. Rivers das *Poesias Castellanas Completas* de Garcilaso de la Vega, 2.ª ed., Madrid, Clasicos Castalia, 1972.

fl.190

EGLOGA I.  
Centonica.  
TOLEDO.

Interlocutores Coros de Ninfas.

1.

Corrientes aguas, puras, cristalinas  
 Apolo, i las Hermanas todas nueve  
 dulces, i graciosissimas Donzellas;  
 Ninfas del verde bosque, a vos invoco;  
 que quiero renovar en la memoria,  
 (si alguna cosa puedo)  
 con ronco son de llanto i de gemido,  
 las lagrimas que en essa sepultura,  
 en abundancia mucha  
 se vierten oy en dia,  
 i gozar de las horas immortales  
 con unas obras tales.

Eg.I-239  
 Eg.III-29  
 Eg.II-624  
 Eg.II-805  
 Eg.II-150  
 El.I-209  
 El.I-148  
 Son.XXV-9  
 El.II-58  
 Son.XXV-10  
 El.I-267  
 Can.II-41

2.

Escucha, pues un poco,  
 ora Salicio, escucha lo que digo  
 de tus virtudes, i famosas obras  
 en tus vivos escritos procurando  
 fl.190v la voz, i los acentos  
 de la maestra mano  
 de la dificil arte cortesana,  
 que en siglos infinitos tendran vida.  
 Harasme tu, Salicio,  
 de aquesto alguna gloria.

Eg.II-1038  
 Eg.II-416  
 Eg.I-26  
 El.II-150  
 Eg.II-1166  
 Eg.II-695  
 Eg.II-1334  
 Eg.II-1351  
 Eg.II-697  
 El.I-91

3.

Bolando a cada parte  
 la mano presurosa  
 del peligro pasado razonando,  
 como quien provò mal tan importuno,  
 en amoroso fuego todo ardiendo  
 hará parar las aguas del olvido.  
 Alabará la muerte  
 de aquel Mancebo por su mal valiente,  
 en imaginacion tan variable,  
 por la Francia mudable

Eg.II-240  
 Eg.II-1297 (var.)  
 Eg.II-193  
 Eg.II-600  
 Eg.II-1702  
 Eg.III-16  
 Eg.II-1236 (var.)  
 Eg.III-178  
 Can.IV-122  
 Eg.II-1446

4.

Satiros, i Silvanos,  
 de la parte repuesta, i escondida,  
 a do quiera que estays, estad conmigo:  
 ante los ojos mios,  
 mirando a las Estrellas,  
 parad mientes un rato a mis querellas.

Eg.II-1157  
 El.I-171  
 Eg.II-418  
 Eg.I-406  
 Eg.II-272 (var.)  
 Eg.II-628

- 5.
- fl.191 Resplandeciente armado,  
de polvo, i sangre, i de sudor teñido;  
el Alma en pura llama,  
las entrañas heladas,  
fixos los ojos en el alto Cielo,  
aqui dio fin a su cantar Salicio,  
que siempre vivirá de gente en gente.  
En polvo i en ceniza convertido,  
ciego, sin lumbré, en carcel tenebrosa,  
en el comun reposo se adormece:  
tu gloriosa frente  
con su guirnalda usada i su ornamento:  
con que de Pindo ya las Moradoras  
en tanta desventura,  
llorando el mal estado a que han venido,  
se muestran lastimadas, i confusas.
- Eg.I-13  
Can.V-15  
El.I-108  
Can.V-91  
Eg.II-491  
Eg.I-225  
Eg.I-160  
El.II-62  
Eg.I-295  
El.I-26  
Eg.J-37  
El.I-237 (var.)  
El.I-14  
Can.II-15  
Can.II-45  
El.I-15
- 6.
- Gentes, costumbres, lenguas, ha passado,  
preso, forzado, i solo en tierra agena,  
del bien, si alguno tuvo, ya olvidado.  
A aquesto Febo no le 'scondió nada,  
bien de Natura, o de Fortuna sea;  
i hizo igual al pensamiento el arte.  
Agora solo el nombre le ha quedado:  
apenas queda del sino la fama  
en el mejor lugar desta Floresta.
- Son.III-4  
Can.II-16  
Can.IV-128  
Eg.II-1074  
Eg.II-1058  
Son.XXI-14  
Eg.II-934 (var.)  
El.II-63  
Eg.II-433.
- 7.
- fl.191v Aquella anima rara,  
(i aquella voz divina en quien derrama  
el Cielo quanto bien conoce el mundo;  
la virtud apartada i generosa,  
quanto sobre la tierra se procura,  
Sugeto noble de inmortal corona)  
por el Estigio lago conduzida,  
el perdido reposo a la Alma buelve  
con dulce son que el curso a la agua enfrena.
- Eg.II-1311  
Eg.I-372; Son.XXI-1  
Son.XXI-2  
Eg.II-1343  
Son.XXI-10  
Son.XXIV-4  
Eg.III-14  
Eg.II-1130  
Son.XXIV-10
- 8.
- En el dudoso llano,  
de tunica cubierto de diamantes,  
de baxo de la seña esclarecida,  
su brazo aviva, su valor esfuerza.  
Con firme rostro, i corazon valiente,  
con generosa saña, i viva fuerza,  
el duro movimiento de los brazos
- Can.V-43  
El.I-95  
El.II-4  
El.II-57  
El.I-189  
Eg.II-1531  
Eg.II-1612

- puso terror i miedo al enemigo  
 A muerte convertido  
 (ó miserables Hados!)  
 el fiero Marte airado  
 (que siempre lleva a lo imposible,  
 a buscar un lugar donde muriese,  
 con largo passo, i corazon seguro)  
 el cuerpo muerto vido  
 (a quien fuera mejor nunca aver visto)  
 de su sangre regar el verde llano.
- 9.
- De tan hermoso fuego consumido,  
 en la desierta arena,  
 acabó en solo un dia  
 (ó Dríadas, de Amor hermoso nido!)  
 la fuerza, i el esprito a vuestro Lasso;  
 el fugitivo Sol de luz escasso.
- fl.192
- 10.
- Assi pasó la vida  
 contento de lo mucho que avia hecho;  
 no contenta con esto la enemiga,  
 la de que su dolor culpa tenia  
 Ó! Hermosura sobre el ser humano,  
 más que la misma Hermosura bella!  
 más helada que nieve, Galatea!  
 Por ti su blanda Musa  
 llora su desventura,  
 las quexas de su cruda i dura suerte.  
 En lugar de la citara sonante,  
 por montes, i por valles,  
 en medio de la fuerza del tormento  
 tristes querellas usa,  
 i humedece la tierra con su lloro.  
 Sus quexas imitando  
 al blanco Cisne que en las aguas mora,  
 rompe el ayre vezino, i apartado,  
 con llanto, i con gemido  
 que el veloce correr de la agua enfrena:  
 i en los desiertos montes, i sombríos,  
 los ferós tigres, i peñascos fríos.
- 11.
- Si quexas i lamentos pueden tanto,  
 porque no ablandaria  
 por un pequeño punto

Eg.II-1214  
 Can.V-14  
 Eg.I-19  
 Can.V-13  
 Eg.II-322 (var.)  
 Eg.II-538  
 Eg.II-655  
 Can.V-74  
 Son.XXVI-14  
 El.I-225

Son.XXVIII-12  
 Can.III-62  
 Son.XVI-9 (var.)  
 Eg.II-623  
 Son.XXIV-6  
 Eg.I-419

Can.I-27  
 Eg.III-208  
 El.I-97  
 Eg.I-54  
 Eg.II-19  
 Eg.II-172  
 Eg.I-59  
 Can.V-46  
 Can.V-29  
 El.I-54  
 Can.V-47  
 Eg.I-72 (rep.)  
 Can.IV-141  
 Can.V-48  
 El.I-144  
 Eg.I-3  
 Eg.II-302  
 El.I-135  
 El.I-39  
 El.II-189  
 Son.XV-3 (var.)  
 Son.XV-6

Son.XV-1  
 Son.XV-12 (var.)  
 El.I-281

- |         |  |  |
|---------|--|--|
|         | con sus blandas querellas  | Can.III-12   |
| fl.192v | el aspereza de que estás armada,<br>en duro marmor buelta, i transformada?   | Can.V-25<br>Can.V-97   |
|         | 12.  |  |
|         | De una Alma te desdeñas ser Señora<br>que por el ayre clara vá bolando<br>sin mostrar un pequeño sentimiento<br>del grave caso deste pobre amante<br>a quien la vida, con la tuya davas?<br>Al grave sentimiento<br>de un cuerpo miserable, i afligido,<br>los ojos aun siquiera no bolviendo?<br>Como? I no tienes algun' hora enojo<br>de la amarga memoria de aquel día?<br><i>Sin mostrar un pequeño sentimiento</i><br>de que por ti Salicio triste muera?<br>Ni te dureza (cruda) enterreciste,<br>a compassion movida,<br>siendo tuya la culpa conocida?<br>Sin mostrar un pequeño sentimiento<br>del miserable Amante allí tendido,<br>i suspirando en el postero acento,<br>de ti desamparado<br>asta acabar la vida<br>su cuerpo fatigado? | Eg.I-67 (var.)<br>Eg.I-74 (var.)<br>Eg.I-84 (rep.)<br>Eg.II-112<br>El.I-132<br>Eg.II-228<br>Eg.II-568<br>Eg.I-208<br>Eg.II-389<br>Son.XIX-11<br>Eg.I-84 (rep.)<br>Eg.I-87<br>Eg.II-574<br>Eg.I-233<br>Eg.II-813<br>Eg.I-84 (rep.)<br>Can.V-75<br>Eg.I-224<br>Eg.I-65<br>Eg.I-139<br>Eg.I-204 |
|         | 13.  |  |
| fl.193  | Por ti el mayor amigo,<br>fuera de libertad, i de reposo,<br>abandonó su tierra.<br><i>La pena de su ausencia,</i><br>del corazon destierra<br>con el suave acento de su Lyra<br>tan dulce que una piedra enterreciera<br>Aquesta viva muerte,<br>i del un Sol al otro<br>el amoroso fuego,<br>despues de conocido,<br>del qual el triste caso canta, i llora,<br>por el silencio de la noche obscura,<br>le es importuno, grave, i enojoso;<br>no las Francesas armas odiosas.  | Can.V-51<br>Eg.II-1109<br>Eg.II-1068<br>Eg.II-324<br>Eg.II-1132<br>Eg.II-1162 (var.)<br>Eg.II-1100<br>Eg.II-619 (rep.)<br>Eg.II-177<br>El.II-78<br>Eg.II-1347<br>Eg.II-304<br>Eg.II-537 (var.)<br>Can.V-52<br>Son.XVI-1  |
|         | 14.  |  |
|         | No quieras tu, Señora,<br>dulce, pura, i hermosa, sabia, honesta<br>(digna i merecedora de tal hombre  | Can.V-101<br>Eg.II-1418<br>Eg.II-1412  |

- si no tuvieras condicion terrible)  
 armar contino el pecho de dureza;  
 entristecer una Alma generosa,  
 no dando a la ternura alguna parte.  
 Que es un crudo linage de tormento  
 acrecentar en la miseria un dedo.  
 I esto sabe muy bien quien lo ha provado.  
 Mas de pura verguenza constreñida,  
 ardiendo en vivo, i agradable fuego,  
 con clara luz la tempestad serena  
 de tan grandes enojos.  
 Casi como dolida  
 fl.193v buelbe los ojos a la voz piadosa  
 tan dulce, i agradable.  
 Dulcemente responde al son lloroso,  
 i a aquel dolor que siente:  
 i por su gran valor, i hermosura,  
 trayend a la memoria  
 el ausencia sin termino infinita,  
 en piedad amorosa la aspereza,  
 i rebuelta del vago pensamiento,  
 trueca, i rebuelve el orden.
- 15.
- i tu, rustica Diosa, donde estavas,  
 con tu dureza, i aspero exercicio,  
 por montes, i por valles?  
 Socorrele, Diana,  
 Mas tu socorro tarde avrá llegado.
- 16.
- Deste, cuya excelencia el mundo canta  
 (Mancebo en las señales,  
 Cuya vida mostrava que avia sido  
 antes de tiempo, i casi en flor cortada)  
 de Virgenes un Coro está cantando,  
 subido el Sol en la mitad del Cielo.  
 De Virgenes un Coro,  
 todas con el cabello desparzido  
 por el hermoso cuello,  
 al qual ultraje i daño estan haciendo  
 vertiendo claras linfas;  
 fl.194 partidas alternando, i respondiend,  
 Salid si duelo, lagrimas corriendo.
- Eg.I-186  
 Eg.II-1367  
 El.I-60  
 Eg.II-1368 (var.)  
 Can.IV-94  
 El.II-114  
 Can.III-39  
 Can.IV-33  
 El.I-176  
 Son.XXIII-4  
 Can.II-57  
 Eg.I-232  
 El.II-134  
 Epist.a Boscán-20  
 Eg.I-234  
 Eg.I-330  
 Can.V-27  
 Eg.II-1473  
 El.II-80  
 Can.V-82  
 Can.IV-163  
 Can.IV-154
- Eg.I-379  
 El.II-98  
 Eg.I-72 (rep.)  
 Eg.II-802 (var.)  
 Eg.II-577
- Eg.II-1741  
 Eg.II-119  
 Eg.III-227  
 Eg.III-228  
 Eg.II-1403  
 Eg.III-78 (var.)  
 Eg.II-1403 (rep.)  
 Eg.III-225  
 Son.XXIII-7  
 El.I-141  
 Eg.II-1729  
 Eg.II-1404 (var.)  
 Eg.I-70

CORO PRIMERO

17.

Este gentil Mancebo,	Eg.II-902
manso, cuerdo, agradable, i virtuoso	Eg.II-904
(que bolvio la Alma a su Naturaleza,	Eg.II-1127 (var.)
pediendo de sus yerros venia al Cielo)	Eg.II-1252
con unas obras tales,	Cant.II-41 (rep.)
(de su ingenio señales)	Eg.II-1306
que el curso refrearon de los rios,	Son.XV-2 (var.)
i la furia del mar, i el movimiento,	Can.V-5
allà dentro en el fondo,	Eg.II-913
en un perpetuo marmol	El.I-161
mostrandoos de su muerte las señales,	Can.I-38 (var.)
sobre qualquiera altura haze versos	Can.IV-77
Ser otro Marte en guerra, en corte Phebo	Eg.II-1190
Turbando con molestia su reposo,	El.I-195
por asperos caminos ha llegado	Son.VI-1 (var.)
a la cumbre difficil de Helicon,	Son.XXIV-8
entre las armas del sangriento Marte;	Eg.III-37
en medio del trabajo, i la fatiga,	Can.IV-84
haziendo la nocturna centinela.	Eg.II-297
De alli su nombre crece i se derrama	Eg.II-1394
<i>Todo aquello deshecho,</i>	Can.III-44
<i>agora ya se encierra,</i>	Eg.I-279
<i>cortado ya al estambre de la vida,</i>	Eg.II-1243
fl.194v <i>en la fria, desierta, i dura tierra,</i>	Eg.I-281 (var.)
<i>los ojos ya bolviendo.</i>	Eg.III-135
<i>Salid sin duelo, lagrimas corriendo.</i>	Eg.I-70 (rep.)

CORO SEGUNDO

18.

Tomando ora la espada, ora la pluma,	Eg.III-40
subio por la difficil, i alta via	El.I-259
de los famosos hombres,	El.I-249
en la dulce Region de la alegria.	El.I-261
Libre de la tormenta en que se vido,	Son.VII-8
pisa el immenso cristalino Cielo.	El.I-268
Sus llagas muestra allà resplandecientes.	El.I-276
El patrio, celebrado, i rico Tajo,	Son.XXIV-12
nunca se harta de escuchar su canto,	Eg.II-1061
de aquella vista pura, i excelente;	Son.VIII-1
aquella voluntad honesta, i pura;	Eg.III-1
aquella tan amada	Can.III-146
materia de dolor a sus sentidos;	Can.I-28 (var.)
que alli era su nido, i su morada,	Eg.I-343 (var.)

	de eternamente amarla proponiendo.	Eg.II-1378
	Cerca del Tajo, en soledad amena,	Eg.III-57
	se quexa al monte solitario en vano;	Eg.III-144
	i llama Elisa, Elisa, a boca llena.	Eg.III-245
	El monte cavernoso	Eg.III-242
	con la pesada voz retumba, i suena.	Eg.I-230
	<i>Todo aquello deshecho</i>	Can.III-44 (rep.)
	<i>agora ya se encierra,</i>	Eg.I-279 (rep.)
fl.195	<i>cortado ya el estambre de la vida,</i>	Eg.II-1243 (rep.)
	<i>en la fria, desierta, i dura tierra,</i>	Eg.I-281 (var., rep.)
	<i>los ojos ya bolviendo.</i>	Eg.III-135 (rep.)
	<i>Salid sin duelo, lagrimas, corriendo.</i>	Eg.I-70 (rep.)

## CORO 1

## 19.

	El, con canto acordado,	Eg.I-49
	por un camino asta agora enxuto,	Son.XXIV-11
	En la ribera verde, i deleitosa,	Eg.II-1041
	soltó la rienda al verso numeroso:	Eg.II-1105
	i con un gran ingenio, un gran reposo,	Eg.II-906 (var.)
	en un punto remueve la tristura.	Eg.II-1092
	Gozoso de tal gloria,	Eg.II-1472
	sin par, i sin segundo,	Eg.II-1217
	estava el Magisterio.	Eg.II-1506
	Ó Hado executivo,	Son.XXV-1 (var.)
	acerbo, triste, airado,	Eg.II-1249
	dó por tantos trabajos se camina!	El.I-78
	Ó! bien caduco, i vano, i presuroso!	Eg.I-256
	Ó! crudo, rigurosos, i fiero Marte!	El.II-94
	Cortaste el arbol con manos dañosas.	Son.XXV-3
	En poco espacio yazen los amores,	Son.XXV-5
	tornados en cenizas desdeñosas.	Son.XXV-7
	Ay, Muerte arrebatada!	Eg.I-344
	Ay, condicion de vida, dura, i fuerte!	Eg.II-867
	Ó! quantas esperanzas lleva el viento!	Son.XXVI-4
	<i>Todo aquello deshecho</i>	(rep.)
fl.195v	<i>agora ya se encierra,</i>	(rep.)
	<i>cortado ya el estambre de la vida,</i>	(rep.)
	<i>en la fria, desierta, i dura tierra.</i>	(rep.)
	<i>Los ojos ya bolviendo.</i>	(rep.)
	<i>Salid sin duelo, lagrimas, corriendo.</i>	(rep.)

## CORO 2

## 20.

	Por manos de Vulcano artificiosas	Son.XVI-8
	saetas ponzoñosas	Son.XVI-4

	en contra puestas del airado pecho,	Son.XVI-2
	entre las duras peñas	Can.II-28
	de los fieros Franceses,	Eg.II-1203
	que cortaron sus tiernos pensamientos,	Son.XX-3 (var.)
	la cabeza partida rebolcaban	Eg.II-1244
	con espantable son, i con ruido	El.I-197
	del grave peso, i de la gran ruina	El.I-220
	que dexa los cabellos erizados,	Eg.II-1118
	confusamente todos enredados.	Eg.II-223
	El Mozo en tierra estava ya tendido,	Eg.III-179
	solo, desamparado,	Eg.I-294
	con el arnes manchado	Eg.II-1205
	varriendo el suelo miserablemente.	Eg.III-182
	I con su breve pena,	Can.V-79
	despues que fue herido	Eg.II-722
	compró la eterna punicion agena	Can.V-80
	un grado sin segundo	Eg.I-9
	ganado entre la gente	El.I-185
fl.196	<i>Todo aquello deshecho</i>	(rep.)
	<i>agora ya se encierra,</i>	(rep.)
	<i>cortado ya el estambre de la vida,</i>	(rep.)
	<i>en la fria, desierta, i dura tierra.</i>	(rep.)
	<i>Los ojos ya bolviendo.</i>	(rep.)
	<i>Salid sin duelo, lagrimas, corriendo.</i>	(rep.)

CORO 1

21.

Ó! bienaventurado	El.I-289
ingenio peregrino,	Eg.I-33
de laurel coronado,	Eg.II-914
un poco más que aquellos,	El.II-18
aquellos Capitanes,	Can.V-16
del uno al otro Polo,	• Eg.II-1757
con la sublime rueda colocados!	Can.V-17 (var.)
Tu, que ganaste obrando,	Eg.I-7
llevado siempre del furor delante,	El.II-99
eterno nombre, i vida	El.II-2 (rep.)
(i aquesto en tí bien cabe)	Eg.II-1782
un nombre en todo el Mundo,	Eg.I-8
(donde será escuchado)	Eg.III-248
que se deve a tu fama, i a tu gloria!	Eg.I-31
(Despues que nos dexaste	Eg.I-296
no ay bien, ni alegre cosa ya que dure.	Eg.II-981
Quien pudiera de tal ser adevino!	El.I-103
Vosotros los del Tajo, en su ribera,	Eg.II-528 (rep.)
en desconsuelo tanto,	El.I-168

fl.196v	cantareys su muerte cada día <i>Todo aquello deshecho</i> <i>ahora ya se encierra,</i> <i>cortado ya el estambre de la vida,</i> <i>en la fría, desierta, i dura tierra.</i> <i>Los ojos ya bolviendo.</i> <i>Salid sin duelo, lagrimas, corriendo.</i>	Eg.II-529 (var.) (rep.) (rep.) (rep.) (rep.) (rep.) (rep.)
---------	---	--

## CORO 2

22.

	Salicio amigo, cesse este lenguaje, cesse ya del dolor el sentimiento de los passados casos la memoria el lamentable coro. I sin provecho, sentimiento, i lloro, mover no deve un pecho generoso delante aquella gloria donde la Muerte pierde su derecho. Baste que tus perfetas virtudes, una a una, que el aspero camino hazen llano, en la Ribera umbrosa den immortal memoria al Nombre que has ganado Sin par, i sin segundo. Eterno Nombre, i vida, i premio de tus Obras, su valerosa fama a todas partes conserva la ceniza	Eg.II-392 El.I-154 Eg.III-194 El.I-220 El.I-222 El.I-193 Eg.II-152 El.I-245 Can-V-104 El.I-71 El.I-273 El.I-56 Can.V-106(var.) El.I-185 Eg.II-1217 (rep.) El.II-2 (rep.) El.II-11 Eg.II-1395 El.II-3
fl.197	en aquesta Floresta. <i>De tus famosas Obras</i> <i>por la infinita innumerable suma,</i> <i>maestra de la humana, i dulce vida,</i> <i>se cantará de ti por todo el Mundo:</i> <i>Serás tu solo eterno, i sin segundo</i>	Eg.II-733 Eg.I-26 (var.) Eg.I-25 Eg.II-1335 El.I-304 Son.XXI-7(var.)

## CORO 1

23.

La maquina del Cielo, a quien la tierra, a quien la mar se inclina (despues de conocido por um Hombre perfecto) con mas ilustre Nombre, con immortales pies, pisas i mides:	El.I-196 Eg.II-553 Eg.II-1347 Eg.II-1333 Eg.II-1202 Eg.I-395
--	---

	mirando las Estrellas,	Eg.II-272
	con Phebo, mano a mano,	Eg.II-1329
	por ellas discurriendo	Eg.II-619
	i sin impedimiento contemplando	El.II-148
	aquesta viva muerte	Eg.II-349 (rep.)
	de aquesta breve vida	Eg.II-666
	i la postrera suerte	Can.III-34
	destas fieras cavernas	Eg.II-633
	de aqueste Monte espesso	El.II-28
	Mira la vanidad de los Mortales	El.I-263
	en lo que a la Alma impide, i embaraza,	Eg.II-43
	que apenas de tormentas, i de enojos,	El.I-113
	pueden un corazon alzar del suelo!	El.I-12
fl.197v	Que se saca de aquesto? Alguna gloria?	El.I-91
	<i>De tus famosas Obras</i>	(rep.)
	<i>por la infinita innumerable suma</i>	(rep.)
	<i>maestra de la humana, i dulce vida,</i>	(rep.)
	<i>se cantará de ti por todo el Mundo:</i>	(rep.)
	<i>Serás tu solo eterno, i sin segundo</i>	(rep.)

#### CORO 2

24.

	I por esto, Salicio,	Eg.II-158
	no tienes que temer el movimiento	El.II-154
	del animoso viento;	Can.V-4
	la futura esperanza	Eg.II-1820
	de aquesto fuego vivo,	El.II-190 (var.)
	donde siempre moraste,	Eg.I-68
	con amorosos ojos,	Eg.II-1502
	ardiendo, i deseando	Eg.II-1416
	en un Amor tan fuerte	Eg.II-317
	i en un desassoeigo	Eg.II-318
	con quien acá se mueve, i se suspira;	El.I-291
	pues ves desde tu altura	Eg.I-92
	quan bienaventurado	Eg.II-38
	qualquier Pastor del Mundo,	Eg.II-17
	aquel puede llamarse	Eg.II-39
	que por difficultosa, i ardua via,	Eg.II-1422 (var.)
	viendote caminar por tal camino,	El.I-105
	sube purgada el Alma en pura llama,	El.I-252 (var.)
	de la immortalidad al alto assiento,	El.I-203
fl.198	ante quien se endereza nuestro intento.	El.I-96
	<i>De tus famosas Obras</i>	(rep.)
	<i>por la infinita, innumerable suma</i>	(rep.)
	<i>maestra de la humana, i dulce vida,</i>	(rep.)
	<i>se cantará de ti por todo el Mundo:</i>	(rep.)
	<i>Serás tu solo eterno, i sin segundo</i>	(rep.)

	25.	
Nunca pusieron fin al triste llor,		Eg.I-408
Filidoce, Diamene, i Climene,		Eg.III-55
si mirando las nubes		Eg.I-411
no vieran que era ya passado el dia.		Eg.I-30
Una de aquellas Diosas		Eg.III-233
(Nise que en la hermosura par no tiene,		Eg.III-56
que este es el nombre della)		Eg.II-1073
se fue por su passo por el verde suelo:		El.I-236
los ojos enxugó, i la frente pura:		El.I-232
apartada algun tanto en la corteza		Eg.III-237
de un alamo estas letras escrevia:		Eg.III-238 (var.)

	26.	
<i>La celebrada Gloria</i>		Eg.III-198
<i>el Arbol de Vitoria</i>		Eg.I-35
<i>al Tansilo, al Minturno, al culto Tasso,</i>		Son.XXIV-3 (var.)
<i>sempre ha llevado, i lleva Garcilaso</i>		El.II-27

## ADVERTENCIAS

### sobre la Egloga antecedente

Esta Egloga está escrita con ley de Centones, en alabanza de Garcilasso, sacandolos de sus mismas obras. Quien tuviere noticia de su vida e muerte conocerá bien la propiedad con que de una i otra se habla en estos versos, que parece los hizo para este propio assunto. Quien no la tuviere verá que el estilo no es duro, como suele ser todo aquel que vá atado a Centones. No digo en Poetas difíciles, mas aun en el propio Garcilasso, que fue felizmente facil, ay algunas clausulas que no son más corrientes que las que en estos Centones podrán parecerlo menos a los Letores.

No trato de citar los Poemas, o las planas en que se pueden hallar los versos de que he usado aqui, i en la Egloga siguiente, que es del mismo artificio, porque los de hombres tan conocidos son notorios a quien los maneja i para quien no, son escusadas citas. Yo de quantos Centones he leído, nunca fuy a examinar por sus citas, si eran o no eran ciertos los versos en tales lugares. Creo que no los finge quien los escribe. Sé bien que no ay aqui alguno que no sea de Garcilasso enteramente, sin añadir, ni quitar una sola letra. Quien lo quisiere creer, crealo; quien no, no: porque sin esta creencia se podrá salvar. Lo general de Centones se puede ver en el Prologo. Di el Titulo de Toledo a esta Egloga; porque a todas las mias le he dado: i este es propio desta. (f.198v)

Discurso acerca de las invenciones deste volumen

### Centon

Centon era nombre de cierta vestidura compuesta de muchos pedazos varios de colores, como se suelen hazer oy para monos, i guitarras. De aqui se llamó Centon al Poema que se haze de versos agenos, tomando uno de un lugar, otro de otro, porque no se dá licencia para tomar dos juntos, sino rara vez. Fue primera a esta invención Proba Falconia Romana ingeniosissima, i estudiosa, que

floreció antes de los años 250. pues floreciendo por ellos Lactancio Firmiano ya le celebra, por el Centon a la Vida de Christo sacado de las Obras Virgilianas. Despues al mismo Assunto la Emperatriz Eudoxia sacò otro de las de Homero: i despues ubo mucha imitación desto. En vulgar Español quien lo ha hecho es Don Juan de Andosilla, siguiendo el argumento de las dos con versos de Garcilasso. La Falconia, que como inventora podia dar preceptos, usa de màs libertades que las concedidas de Ausonio en los suyos: con que puede avogar por Don Martin de Angulo Cavallero de Loja, que haviendo hecho otro Centon de las obras de Gongora, toma tantas licencias que haze un verso de quatro; muda palabras a cada passo; i lo que es màs que quando no halla versos los pone de su casa. Pero es tan cuerdo, que en el Prólogo lo confiessa, sin forzar a nadie para que le tenga por centon, si no por una Egloga comun; si bien para esto pudiera no aver tomado tanta fatiga; i *lograra mejor su intento a ser aquel Poema todo de versos suyos propios, por màs que procura imitar los que yo màs estraño en Gongora. Desto se trata en el Arte, cap. 98.* (fl. 8r-8v)



Página de rosto da Parte VII da Fuente de Aganipe.

Segundo Arthur L-F. Askins, esta folha teria sido uma adição ao Manuscrito, feita pelo filho de Faria e Sousa tratando-se provavelmente de uma sobre ou prova do frontispício da Asia Portuguesa, publicada por Antonio Craesbeeck de Mello em Lisboa, em 1675. Na parte central do desenho vê-se agora o título do manuscrito a que serve de rosto